

O que me agrada no trabalho de Thereza Portes é o respeito devotado à consciência mágico-simbólica que ela redescobre nos temas e os motivos que sua arte privilegia. Thereza se transforma numa mitóloga sutil, mercê da candura de seu olhar-menina, que enseja sua atividade de coligir e de se co-naturalizar com os documentos de nossa arte popular – folclóricos ou não. Costumes, folguedos, enfeites, atavios, cromatismos ingênuos de sonhosos tons, mofinos instrumentos da faina cotidiana.

A artista sabe que o mito dormita dentro de nós, mesmo de nós ditos “civilizados”. E no mito já estão todas as grandes riquezas e experiências humanas. Segue em frente, querida amiga, conviva sempre com esse território meio alógico, mas sincero, que sua dilecção tem selecionado para alimentar sua recriação poética e estética. Os Fados lhe deram um outro dom, uma outra magia – a da ARTE. Com ele, você encontrará meios de rebater, na transcendência, as simplicidades autênticas da “*anima*” do povo. O quê nos confia a arte, senão um pouco da “moeda do absoluto”?

Moacyr Laterza  
Professor e Crítico de Arte